

Discurso do velho capitão

ULISSES SERRA (1906-1972) - escritor,
fundador da ASL

Texto do livro “Camalotes e Guavirais”, de Ulisses Serra, publicado em 1971

Numa de suas deliciosas crônicas, o jornalista Al Richt, do *Correio da Manhã*, observou que somente no Senado Assis Chateaubriand aprendeu a falar em público, para tornar-se um dos maiores parlamentares de todos os tempos. Lembro-me de fato ocorrido aqui que corrobora essa observação. Inaugurou-se, no dia 2 de maio de 1937, a agência do Banco do Estado de São Paulo, de Campo Grande. Fato expressivo para as nossas classes produtoras, carecedoras de casas de crédito, pois só contavam com o Banco do Brasil, assim mesmo sem as suas atuais carteiras de crédito agrícola e industrial, operando a curto prazo, a juros elevados e sob garantia de títulos promissórios, apesar de forrado de privilégios.

Para comemorar o fato e homenagear os banqueiros que vieram dar-lhe relevo, oferecemos-lhe um banquete no Hotel Colombo, a casa de Emílio Giugni. À última hora, faltaram lugares à grande mesa em forma de U. Arrumou-se às pressas uma outra, pequena, suplementar e isolada, ocupando-a Nicolau e Ângelo Fragelli, Ranulfo e Arquibaldo Correia, Issa Kalif, Artur Jorge e outras pessoas, inclusive Manuel Ferreira Azambuja, que seria o futuro gerente.

Assis Chateaubriand fez questão de ocupá-la também. Quando a pequena mas grande turma já estava naquele estado de euforia preconizado por Hemingway – que é a terceira dose de uísque –, começou a exigir, em tom de algazarra: “Fala, Chateaubriand!”. A mesa maior quebrou o proto-



Ilustração original de Fausto Furlan

“Aquele discurso, pela alegria que trouxe ao banquete, castigado de protocolo, de cifras e de programas, foi providencial”

colo e passou a apoiar a menor: “Fala, Chateaubriand!”.

O grande jornalista e homem do mundo, embora estivesse em recinto de cidade ainda sertaneja, não se arriscou ao improviso. Vendo sobre o balcão do bar uma bobina de papel de embrulho, cor-de-rosa, gritou ao garçom que o servia: “Acuda-me, meu filho, com um pedaço de papel!”.

Escreveu ali mesmo o discurso. Começou por dizer que era repórter e não orador: sabia escrever, mas não sabia falar. Depois, num estilo personalíssimo, inconfundível, voltou-se para os paulistas presentes e, de dedo em riste, voz forte e ameaçadora, acusou-os: “Esses paulistas, mato-grossenses, roubaram vossos ouro no passado, levando-o atrevidamente no dorso das monções! Agora, eles o vêm devolver amoadado”.

Naquele ambiente, já de trepidação e entusiasmo, todos nivelados pela mesma alegria comum, útil ao estreitamento rápido de conhecimentos recíprocos, entre nós daqui e aqueles que vinham operar em nossa praça, sibilei um aparte: “E os juros de mora?”.

O dono do império dos Associados voltou-se mais uma vez para os paulistas, com a mesma ênfase anterior: “Devedores retardatários, impontuais, paguemos com os juros de mora. E se forem corretos, mesmo, capitalizem-nos!”. A essa altura, esqueceu-se do papel de embrulho cor-de-rosa que tinha nas mãos. E continuou num crescendo maravilhoso, empolgante, sob frenéticas palmas de todos, da pequena e da grande mesa. Quebraram-se as últimas e frágeis barreiras de convencionalismo para operar-se rapidamente uma grande confraternização e um largo bate-papo depois. Mais tarde, muitos da caravana, guiados pelos donos das nossas noites estreladas – Issa e Badinho –, foram conhecer o resto da cidade.

Aquele discurso, pela alegria que trouxe ao banquete, castigado de protocolo, de números, de cifras e de programas, foi providencial. Além de um discurso exponencial e antológico.

Ulisses Serra & “Camalotes e Guavirais” – o autor e a obra

RUBENIO MARCELO - Cadeira nº 35 da ASL

A data de 13 de outubro de 1971 certamente estava predestinada a entrar para a história não somente como especial efeméride da produção cultural daquele início de década em Campo Grande, do então MT uno, mas também como um marco a se refletir na expressão literária de um futuro estado – sim, o livro “Camalotes e Guavirais”, de Ulisses Serra, lançado naquela noite morena de quarta-feira (há 50 anos, e imortalizado através do tempo), é uma obra referencial da literatura sul-mato-grossense.

O emblemático livro possui, até agora, três edições: a original, de 1971, Ed. Clássico-Científica; outra em 1989, pelo TJ/MS, Série Historiográfica; e uma mais recente: de 2006, pelo IHGMS – Série “Banco de Memórias”. Ulisses Azul de Almeida Serra, que nasceu em Corumbá, em 1º de setembro de 1906, homenageia, em seu livro, a sua terra natal, e também celebra Campo Grande, cidade para onde se mudou com os pais em 1923 – relembra a Cidade Morena do seu tempo, com textos como: “A Rua 14”, “Casas de Jogo”, “Trianon Cine”, “Restaurantes e Bares”, “Árvores da Cidade”, “Paideiro Romântico” e outros. Com estilo límpido, às vezes irônico ou satírico, Ulisses Serra impregnou natural leveza à linguagem e do sou com primorosa força telúrica o contexto de suas narrativas.

Na manhã de 30 de outubro de 1971, dezessete dias após o lançamento do seu “Camalotes e Guavirais”, Ulisses – em companhia dos amigos/escritores Germano Barros de Sousa e José Couto Vieira Pontes – fundou a Academia de Letras e História de Cam-

po Grande. Nesta ocasião: um sábado festivo, os três intelectuais encontravam-se na Estância Gisele (de Ulisses), ainda comemorando o sucesso daquela relevante cerimônia. Consta que a 1ª Ata desta Academia foi lavrada de próprio punho por Ulisses Serra, no dia 6/11/1971, às dez horas, na sua casa, situada na Rua 13 de Maio, em Campo Grande. A instalação desta entidade ocorreu em 13/10/1972, com a sentida ausência de Ulisses, falecido em 30 de junho deste ano, no Rio de Janeiro. Em 1979, com o advento do Estado de MS, a Academia de Letras e História de Campo Grande originou a atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Oito anos antes de fundar a Academia em Campo Grande, Ulisses Serra, aos 56 anos de idade, foi eleito para a Academia Mato-Grossense de Letras (AML).

Além de escritor, acadêmico e orador, Ulisses Serra foi perito contador, militante do jornalismo e também exerceu com distinção o tabelionato do 5º Ofício de Campo Grande. Pelo ser humano íntegro que foi, pela retidão do seu caráter – como bem atestam a história e os seus contemporâneos –, por tudo que fez e pela obra que deixou, o autor de “Camalotes e Guavirais” merece as mais justas homenagens. Assim, a ASL celebrou, em 2006, o seu centenário de nascimento, em sessão solene que aconteceu no auditório da Fiems (Campo Grande), com presença maciça de escritores, familiares do laureado, imprensa e convidados. E, em 2018, veio a homenagem a Ulisses – na sede da entidade – com a inauguração ali do seu busto: escultura esta que irradia sua imagem para a posteridade, confeccionada em bronze, com originalidade, pelo artista Marcos Rezende.

Relembrando Ulisses Serra

PAULO COELHO MACHADO (1917-1999) - pertenceu à ASL

Conheci Ulisses Serra quando veio de Cuiabá para se fixar em Campo Grande, instalando o cartório do 5º Ofício de Notas na Rua Dom Aquino, no meio da quadra entre a Rua 14 e a Av. Calógeras do lado esquerdo de quem vai para o Correio. Um salão amplo, com balcão dividido a área ao meio, no sentido longitudinal. A frente destinada aos clientes, os fundos, com as mesas do tabelião, que também era escrivão privativo de inventários do substituto Barbato, e da escrevente Isabel. Gente boa, competente, séria, simpática. Os advogados frequentavam diariamente o cartório, não só para cuidar dos trabalhos forenses como para roda de conversa, atraídos pela eloquente prosa do Ulisses.

Sempre tinha uma longa história para contar, cheia de minúcias, narradas na sua voz agradável; tartamudeava um pouco, tornando mais cativantes suas palavras, pausadas e entrecortadas pelo sorriso simpático e franco. Político, membro do PSB, chefiado por Filinto Muller, gostava de recordar as campanhas eleitorais, com seus atos pitorescos. Certa vez, foi à fazenda de um eleitor importante, em reunião de muitas pessoas. Um alpendre comprido dava frente para o jardim bem cuidado, cheio de folhagens e rosas. O dono da casa já idoso, mas forte e despenhado. No momento dos discursos, Ulisses toma a palavra e, inesperadamente, diz da sua satisfação em estar ali, em local tão aprazível, e, dirigindo o olhar para a jovem quase menina que estava à sua frente, toda garbosa e alegre, compara-a às rosas do jardim e adverte que qualquer dia um mancebo chegaria, como príncipe encantado, e colheria aque-

la flor que desabrochava, levando-a para constituir nova família, que daria muitos netos ao coronel. Terminada a fala, descobriu que a moça era esposa, e não filha, do dono da casa, como pensara. Reuniu o pessoal e desapareceu sem despedidas.

Inteligente e com vocação literária, espírito formoso e correto na linguagem, colaborava nos jornais e revistas do Estado com ensaios, crônicas e pronunciamentos políticos. As crônicas da cidade ele reuniu no livro “Camalotes e Guavirais”, reeditado pelo Tribunal de Justiça. Um trabalho bonito, deleitante, cheio de fino humor, em que expressa todo seu afeto por Campo Grande. Sem dúvida, uma das grandes obras da literatura guaicuru.

Com o nome pomposo de Ulisses Azul de Almeida Serra, era um homem modesto. Apenas sua assinatura com os exagerados traços e alongamento de letras que usava, inclusive o “y” em lugar do “i”, cobria metade da página das certidões, invadindo o campo datilografado. Eu gostava de chamá-lo intencionalmente de Ulisses Azul, ou somente Azul. Parecia gostar. Ele passou o tempo todo da sua vida a olhar o céu azul de seu nome. Permaneceu sempre jovem e atual. Lembro-me de que, ao comentar grande donativo feito à Santa Casa por indivíduo um tanto antipático e carrancudo, que se preocupava com o imposto de renda mais do que com a benemerência, Ulisses, citando um dito popular, observou-me que “o bem deve ser praticado sempre com alegria”. Um homem marcante, de inconfundível valor mortal e intelectual, falecido prematuramente, mas que vive ainda entre seus pares da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que fundou e que presidiu com experiência e arrojo.

+POESIAS

A Ulisses Serra

Morreste alhures, imortal Ulisses,
Serra que ascende ao páramo infinito!...
Mas não um exilado e um proscrito
De si mesmo, pois levas as meiguices

Da gente tua a amar-te qual um mito,
Te acompanhando em pensamento e preces...
Da tua casa, porém, longe adormeces
Sem dela ouvir o coração bendito!

Partiste para a glória celestial...
Mas, na saudade, nos preenche Deus
O vão que tua ausência propicia:

A Casa que fundaste é o nosso Graal,
Nos guiam sempre os sábios passos teus,
Teu coração é a própria Academia!

GERALDO RAMON PEREIRA

Por aqui

O mal, por aqui,
é que a simples prece,
o gole de cachaça
ou o ato bem festivo
bastam para extirpar,
na raiz,
aquilo que não chega a brotar.

O trágico, por aqui,
é que do vasto silêncio
não se retira nada.
Nesse espaço nada brota,
no estágio da inércia.

O que parece a morte, por aqui,
é que todos parecem se mover.

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Vigília

Na calada da noite o silêncio dorme...
Dormem também os pesadelos e sonhos,
Dormem os pássaros e as cigarras.
Mas não dormem os anjos...
Não dormem os vândalos das algazarras,
Os gatunos e alguns profanos...
O horror não dorme, não cessa.
No travesseiro, o ouvido vigilante...
O medo na alma ficou possesso
Cala!... ouve, pensa um instante...
Nos passos do tempo não se faz tempo
Se o querer não for persistente.
Deus não dorme, ele é todo templo...
Ora! que ele espera por presente,
A tua dedicação, a tua oração...
Não sejas negligente, ausente.

ELIZABETH FONSECA

Microtexto

Pantanal de mil gramíneas
na ganância de mil pastos
aceita a braquiária africana
Indignada a vaca
com a cria fraca
cassa o prêmio da invasora

HUMBERTO ESPÍNDOLA

NOTÍCIA DA ASL

NA PRÓXIMA QUINTA: MAIS UMA EDIÇÃO DO CHÁ ACADÊMICO DA ASL - A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras realizará o seu Chá Acadêmico deste mês na próxima quinta-feira (29), a partir das 19h30min, na sede da instituição. Para esta edição, o autor celebrado será Ulisses Serra e a sua obra “Camalotes e Guavirais”. O evento, com entrada franca, terá como explanadores deste relevante tema: Ana Maria Bernardelli e Rubenio Marcelo, respectivos titulares das Cadeiras 27 e 35 da ASL. A Academia está situada na Rua 14 de Julho, nº 4.653 – São Francisco, Campo Grande.